

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Aniversário

No fim de semana, a Alemanha celebrou o 3 de Outubro, Dia da Unidade Alemã, data que marca o 20º aniversário da sua reunificação. As festividades em Berlim, na verdade, começaram em 2009, com os 20 anos da queda do muro. Na Alexanderplatz, centro da capital, uma exposição ao ar livre documentou a chamada Revolução Pacífica. Encerrando as festividades, um grande evento ocupou a Avenida 17 de Junho (cenário principal de grandes festas populares) com público de 250 mil pessoas. A ocasião não é apenas de comemoração. Políticos, intelectuais, artistas e toda a mídia analisam e discutem o balanço destes 20 anos por todos os ângulos.

Berlim é uma metrópole em constante transformação. É impressionante o número de construções e a velocidade com que novos edifícios são erguidos. As áreas antes ocupadas pelo muro deixaram no leste da cidade uma faixa não urbanizada, enormes terrenos baldios que dão lugar diariamente a novas construções. Potsdamer Platz, que era praticamente um campo abandonado, ao longo dos anos 90 transformou-se em uma área de arranha-céus. Em pouco tempo, tornou-se um ícone da cidade ao lado do Portão de Brandemburgo e do Reichstag (sede do Parlamento).

Muito do progresso veloz após a reunificação se deve ao Pacto de Solidariedade, dinheiro para a reconstrução do Leste deduzido da renda de todo contribuinte alemão. O Pacto de Solidariedade I vigorou de 1995 a 2004, injetando €105 bilhões nos novos estados alemães. A segunda etapa do Pacto deve recolher o mesmo montante até 2019. Outra maneira de injetar fundos na reurbanização se deu através da venda de imóveis estatais. Além dos preços atraentes, o governo concedia benefícios fiscais. Os prédios de fachadas cinzentas que ainda não passaram por reforma podem ser considerados relíquias. O cenário de Berlim em construção, reformas e mudanças constantes é típico. De qualquer ponto da cidade, cuja maioria dos edifícios não tem mais do que cinco andares, a linha do horizonte é marcada por torres de igrejas e guias de construção.

O dinamismo de Berlim acaba funcionando como um ímã. Antigamente, quase ninguém pensava em pegar um avião para cá. Este quadro mudou nos últimos anos. Posso contar nos dedos o número de amigos que me visitaram na década de 90. No entanto, já perdi a conta das visitas recebidas desde a virada do milênio. Muita gente que vem a Berlim decide morar aqui. Alguns vêm para uma temporada e não vão mais embora.

Atualmente, Berlim é um dos principais destinos do turismo europeu, só fica atrás de Londres e Paris. São milhares de turistas, principalmente de dentro da Europa, que chegam aos montes à capital em busca de um parque de diversões cultural e da vida noturna sem limites. A estrutura do turismo local cresce a passos de gigante. Os 726 hotéis, pensões e *hostels* da cidade oferecem 110 mil camas a preço abaixo da média das capitais europeias. Dos *souvenirs* que todo turista leva, uma grande parte está relacionada ao culto dos ícones da antiga Alemanha Oriental:

pedaços do muro, miniaturas do carro Trabant, a torre de televisão da Alexanderplatz, o bonequinho do sinal de trânsito (Ampelmann) e o Sandmännchen — personagem de programa infantil de televisão transmitido até hoje, diariamente. A figura do Sandmännchen também é popular entre os adultos. O primeiro cosmonauta alemão a viajar no espaço, em 1977, levou de mascote um bonequinho Sandmännchen.

Berlim está para a Alemanha como Nova York está para os EUA, ou seja, cidades internacionais que atraem artistas e estudantes, empresas da área da cultura, da moda e da mídia. Aqui não tem Little Italy ou Chinatown, mas tem o antigo bairro judeu, o bairro russo e bairros turcos (Kreuzberg, Neukölln e Wedding). O comércio de minimercados em NYC é comandado pelos chineses, aqui por

turcos e vietnamitas. Em Berlim não há rua de restaurantes indianos, mas tem um restaurante tailandês atrás do outro. As duas cidades têm uma rua chamada Wall Str. A americana centraliza os bancos e os grandes negócios da bolsa de valores. A alemã é en-

dereço de várias embaixadas, inclusive a do Brasil. Outro ponto comum é a especulação imobiliária. Cada uma no seu tempo, mas inevitavelmente ela chega e força uma migração de bairros. Aconteceu com Manhattan em NYC, quando muita gente se mudou para o Brooklyn. O mesmo acontece agora com Mitte e Prenzlauer Berg. As pessoas buscam novas opções de moradia e espaço de trabalho (pagando menos por mais espaço), em áreas mais afastadas do centro.

Berlim é uma cidade grande, porém tranquila. Aqui não se percebe o estresse da jornada de trabalho, nem há hora do *rush*. O comércio normalmente abre às 10h e fecha cedo. Toma-se café da manhã o dia inteiro. Poucas lojas funcionam 24 horas. Compras de supermercado no fim de semana, nem pensar. Em emergências, o que salva é o comércio das lojas de conveniência nas estações de trem e nos postos de gasolina. Domingo é domingo, geralmente um dia calmo na cidade. Mas o último domingo foi diferente. A comemoração da reunificação trouxe à tona imagens e lembranças do passado, histórias emocionantes de famílias separadas pelo muro, reportagens de momentos históricos... *Wir sind ein Volk* (nós somos um só povo) foi o slogan da Revolução Pacífica de 1989. Na prática, o significado desta frase ainda dá muito pano para manga. Ossi, Wessi ou Wossi? É a pergunta que paira no ar.

A comemoração da reunificação trouxe à tona imagens e lembranças emocionantes do passado

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			